

VINÍCIUS GROSSOS

AUTOR DOS LIVROS *O GAROTO QUASE ATROPELADO* E *1+1 - A MATEMÁTICA DO AMOR*

FEITOS DE SOL

UM AMOR CAPAZ DE INCENDIAR O MUNDO



 FARO
EDITORIAL

VINÍCIUS GROSSOS

FEITOS
DE
SOL

UM AMOR CAPAZ DE INCENDIAR O MUNDO

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Coordenação editorial **CARLA SACRATO**

Edição **ALESSANDRA PONOMARENCO JUSTO**

Preparação **TUCA FARIA**

Revisão **BARBARA PARENTE**

Capa e diagramação **OSMANE GARCIA FILHO**

Imagem de capa **MONTAGEM COM ILUSTRAÇÃO DE
TITHI LUADTHONG**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Grossos, Vinícius

Feitos de sol / Vinicius Grossos. -- São Paulo : Faro
Editorial, 2019.

256 p.

ISBN 978-85-9581-080-8

1. Ficção brasileira 2. Homossexualidade--Ficção I. Título.

19-0486

CDD-B869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção brasileira : Romance LGBT B869.3



1ª edição brasileira: 2019

Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 – Sala 310

Alphaville – Barueri – SP – Brasil

CEP: 06473-000 – Tel.: +55 11 4208-0868

www.faroeditorial.com.br

Carta ao leitor

Anossa passagem pela Terra sempre é permeada por datas simbólicas. Pequenos apocalipses imperceptíveis aos outros, mas que nos marcam e mudam a nossa vida. No segundo em que nascemos, e daquele segundo em diante, celebramos a nossa existência. Quando morremos, há um funeral para que possam nos dizer adeus. Mas eu sempre me perguntei sobre o que há no meio, as pequenas mortes e os renascimentos que temos enquanto estamos vivos... Precisei escrever este livro por causa disso, por causa de um renascimento necessário (meu e do Cícero, o protagonista que você conhecerá logo).

Aos dezessete anos, eu amei pela primeira vez. Me apaixonei perdidamente e me joguei com tudo, porque eu nunca me sentira tão incrível em toda a minha vida. O amor faz isso, né? Alguém viu uma luz em mim — uma luz que eu nunca encontrara. E eu vi uma luz especial nesse alguém também. Mas com o amor, você sabe, vêm todas as outras coisas: as dores, os dramas, as traições e uma série de sentimentos ruins que, às vezes, invadem algo precioso que a gente não consegue proteger, por mais que tente até o fim. A frustração, a perda e a dor em geral fazem parte não só do amor, mas do ato de crescer e

amadurecer. E aí, para não sucumbir no mar de culpa e sofrimento em que eu próprio mergulhei, precisei fazer algo... Eu precisei renascer do meu apocalipse pessoal. Eu precisei escrever um livro novo.

Sempre quando começo um livro, quero que você se veja na história, seja nas nuances dos protagonistas, dos personagens secundários, ou nas situações e temas que o livro aborda. Só que, entenda, a literatura é a minha salvação e maldição. Quando eu ponho as minhas dores no papel, ela me salva de morrer sufocado, mas o ato de colocar toda a minha vulnerabilidade nas páginas de algo que vai ser lido e comentado ainda faz as feridas doerem e sangrarem.

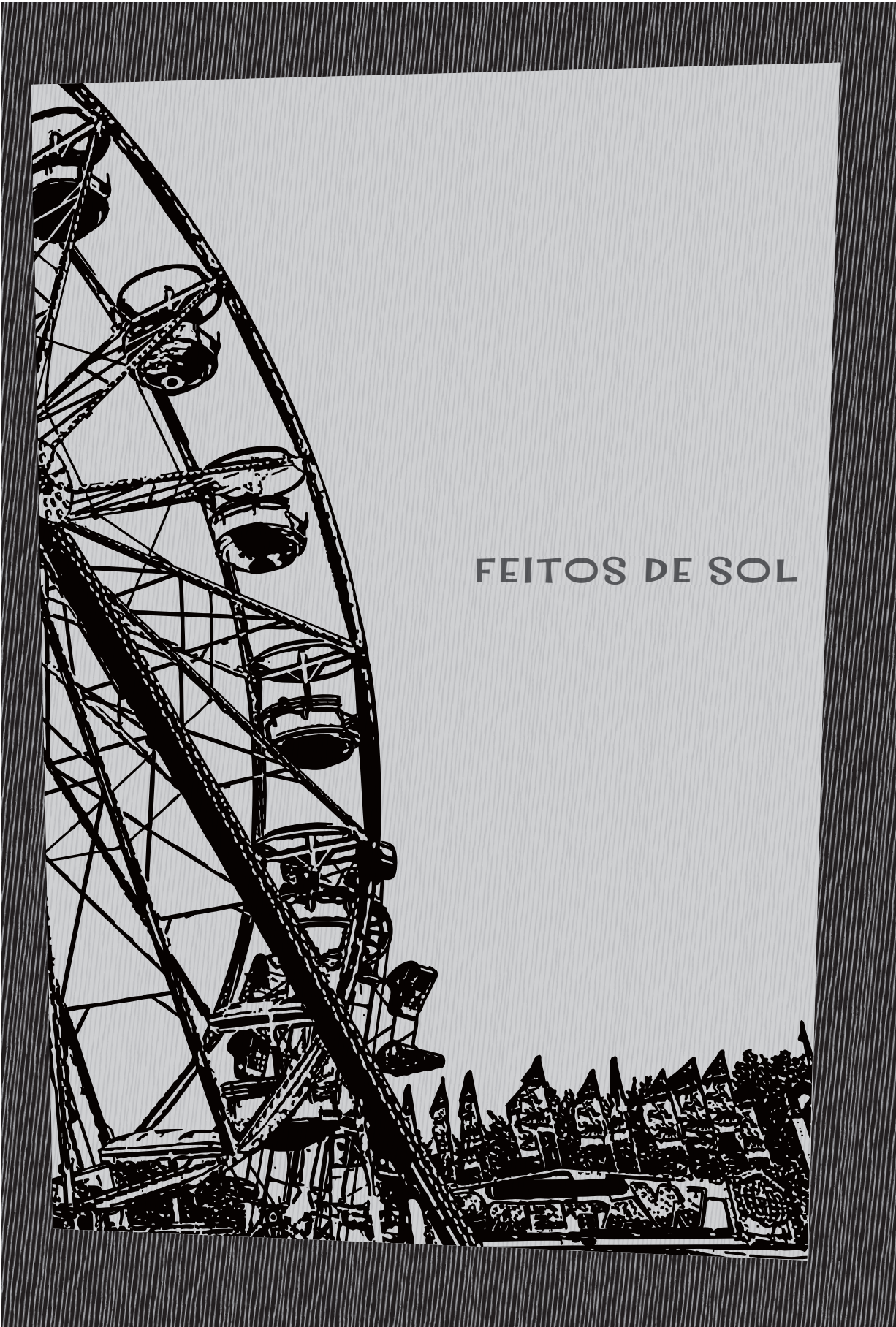
Este livro foi isso. Eu precisava sangrar. Assim como você sangrou e assim como ainda vamos sangrar muito mais até o dia em que partirmos. *Feitos de Sol* teve muitas versões antes de chegarmos à que está em suas mãos. Eu sabia a história que queria contar, e a essência dela nunca mudou, mas colocá-la para fora era como arrancar as minhas vísceras. Doía. Me fazia chorar. Mas era necessário. E talvez aí esteja a mágica da nossa relação, minha e sua: o sentimento que sempre nos ligou e faz a gente ter essa conexão especial não é o quanto você gosta ou gostou do meu livro, e sim a cumplicidade que você encontra nas minhas palavras, enquanto eu encontro conforto na sua aceitação. Sejam os sentimentos dolorosos ou doces, eu não solto a sua mão, nem você a minha, até que a gente chegue ao final daqueles altos e baixos nas histórias que eu conto.

Quando acabar de ler este livro, se você estiver passando por uma situação difícil, quero que se permita renascer também. Assim como eu fiz — e ainda farei muitas vezes. Do mesmo modo como o Cícero e o Vicente fizeram. Eu descobri que todos nós somos feitos de sol, e quero te ver brilhar.

Com amor,



Vini.



FEITOS DE SOL

A entrada da cidade mudara pouco. Baixei o vidro e deixei o ar entrar, desconfiado da existência das coisas do lado de fora. Durante muito tempo, tudo o que aqui ficara havia me deixado uma impressão embaçada e dolorida, que preferi esquecer. Só que a gente não consegue, né? Pode fingir que superou, mas as memórias voltam com sede de vingança: os nossos fantasmas puxam o nosso pé à noite, reivindicando a lembrança.

Atravessei a avenida principal, virei à esquerda e estacionei. Por alguns instantes, fiquei paralisado, colado no banco, tentando juntar a coragem necessária pra conseguir abrir a porta. Para me certificar de que estava no mundo real, finquei os pés na calçada e me apoiei no poste, para não ser levado pelo furacão de memórias que se aproximava, mas fui vencido pelos ecos das vozes dos meus amigos de infância, que passaram correndo por mim. Respirei fundo e tentei conter a emoção, mas a minha boca se encheu do gosto do Kinder Ovo de que a Karol tanto gostava, e o meu nariz foi tomado pelo cheiro da Padoca do Seu Zé.

Andei uma, duas, três quadras. Não podia negar que tudo estava bem mais moderno. A cidade crescera um pouco, o comércio se expandira.

Parei em frente a uma loja e admirei a vitrine. Em vez do meu rosto, fui surpreendido pelo reflexo de um Cícero de vinte anos atrás: o corpo franzino, o cabelo bagunçado, os olhos vivos que queriam devorar o mundo. Coloquei os fones de ouvido para descobrir até onde conseguiria resistir. Tinha trazido aquela compilação que ele deixara para mim, mas também algumas das músicas que ouvira no Portal do Inferno, além de Johnny Cash, *Every Breath You Take* e *Love of My Life*. Sempre que pensava no Queen eu via o rosto da dona Emir: os palavrões, o cheiro de mofo com maresia do Chimbica, o melhor peixe com batata do mundo.

Respirei fundo.

Eu tinha que aguentar.

Apertei o *play*.

Parei no mercadinho onde uma vez me achei *cover* do James Bond e comprei um maço de cigarros. Fazia alguns anos que eu não fumava, mas tinha que passar por aquilo, era parte do ritual. Procurei perto do caixa pelas mesmas balas de menta daquela época, mas tive que me satisfazer com similares.

Acendi o cigarro e pus uma bala na boca — açúcar com nicotina — como nos velhos tempos, como os lábios dele. Fui em frente, surpreendido pelo frescor do *tsunami* de sentimentos que fez do inverno de 1999 um dos melhores da minha vida. Sorri, perdido entre a tristeza da saudade e a alegria da redescoberta.

Naquele tempo, tudo era novo. Eu estava crescendo, descobrindo que era um quase adulto, e a maravilha dessa revelação me impediu de perceber que, junto com a experiência, engolia também um fio, que sempre remexeria esses sentimentos escondidos no meu coração.

Eu me tornara outra pessoa. Fui embora, estudei. Acumulei uma avalanche de novos filmes na cabeça. Com relação a isso, eu continuava o mesmo. Sempre que me via livre, ia parar na frente da tevê ou no cinema. Velhos hábitos eram difíceis de mudar, mas, também, pudera. Atualmente, eu trabalhava com animação digital e fazia a curadoria de algumas exposições. Quem diria que todo aquele tempo observando

cores no céu e desenhando super-heróis me renderia uma carreira? Eu vivia jogando isso na cara da minha mãe. Ela apenas ria.

Parei na frente do edifício em cujo apartamento vivi toda a infância. O prédio mudara quase nada: quatro andares bem conservados, numa região próxima do centro. A mureta que costumava abrigar um modesto jardim tinha sido cimentada e virado um banco improvisado. À esquerda, uma banca de jornal novinha, que não existia na minha época. As casas da direita, por sua vez, haviam sido substituídas por um edifício de dez andares e amplas portas de vidro, por onde saía um fluxo incessante de pessoas com copos de café nas mãos e cigarros nos lábios. Ao contrário de mim, que permanecia grudado ali pela força magnética das paisagens do passado, elas retornavam apressadas aos seus afazeres sem desconfiar da quantidade de fantasmas que surgiam da minha antiga janela.

Eu tinha que agradecer à internet e às redes sociais pela oportunidade de voltar. Um dos filhos de uma amiga de infância fazia aniversário, e era a desculpa perfeita para revê-la depois de praticamente uma vida. Por mais que tivesse vindo para reencontrar a Karol, eu também queria namorar a minha janela e conferir se as imagens da minha lembrança eram mesmo reais, se o sol daqui brilhava mais do que no céu de onde vivo agora.

Deixei o meu olhar se perder naquele andar, na direção de onde ficava o meu quarto. O primeiro cigarro acabou. Acendi o segundo. Suspirei e esperei, ainda procurando o gosto daqueles dias.

Fechei os olhos e quase consegui enxergar o que ainda se escondia por trás daquela janela. Eu tinha certeza de que nem toda a tinta do mundo cobriria o universo de descobertas, desejos e possibilidades que encheram as minhas paredes e a minha alma ali.

Sabe aquela frase “Ah, se essas paredes falassem...”? Elas sussurrariam o nome dele e sorririam, provocantes.

Eu estava mais velho. Os primeiros fios brancos que surgiram perto das minhas entradas eram prova da quantidade de noites que

passei em claro, trabalhando, curtindo, vivendo. Outro dia mesmo, eu me assustei com as novas linhas de expressão no meu rosto. Talvez tenha sido exatamente isso o que me fez aceitar o convite da Karol. Ela sempre achou que, em vez de ter colocado um ponto-final, deixei minha história com reticências...

Fechei os olhos e relembrei o caminho para o prédio dele. Vivíamos a poucas quadras um do outro, mas os nossos mundos eram separados por abismos, e só compreendi isso realmente depois que tudo já tinha se perdido. Como nunca tiramos fotos juntos, o rosto dele desapareceu da minha memória com o tempo, mas tentei imaginar como estaria atualmente: os lábios muito vermelhos, o cabelo bagunçado... Estaria mais maduro, mas ainda devia ser tão inteligente e intenso como era — ou mais. Já os olhos...

Porra!

Provavelmente continuavam iluminando a cidade inteira, como se fossem parte do sol...

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Há um grande número de portadores do vírus
HIV e de hepatite que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e
hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!

CAMPANHA



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA BMF EM JUNHO DE 2019